

Repensando o movimento⁹⁰

OSCAR ZIMMERMANN (CHICO)

Escrever e refletir sobre um movimento social fazem parte do trabalho de historiadores, sociólogos ou de uma equipe de pesquisadores. Formando um conjunto interdisciplinar e tendo à disposição a documentação suficiente e indispensável para tanto, além do talento do bem escrever, uma narrativa como essa pode se tornar fascinante.

Eu não pertenço, por profissão ou por pretensão, ao grupo que escreve história. Nem tenho à minha disposição as fontes referidas. Todas as minhas recordações íntimas, *eo ipso*, são, por isso mesmo, subjetivas. Foram vividas e não pesquisadas com necessária distância e dentro de certa perspectiva. São decorrentes de um passado, focalizando, em tempo e lugar, o movimento juvenil Dror no Brasil, hoje em dia conhecido como *Dror-Habonim*.

À medida que os anos foram passando, a base do que pode ser chamado de “experiência pessoal” consolida-se em meu pensamento. Tenho a seguinte tese: o movimento juvenil foi um fator preponderante na cristalização da personalidade cultural de seus membros, cujos traços permaneceram – e ainda hoje – marcantes ao longo dos anos. Não é só isso. Podem ser perceptíveis nas prioridades da vida de cada um, hábitos, conteúdos vivenciais e intelectuais que se manifestam independentemente de os caminhos terem sido trilhados até o fim, ou sido interrompidos em determinado momento. As influências, produtos dessa experiência única, estão na formação da identidade assumida por cada um.

O movimento juvenil Dror, no Brasil, formou-se nos anos pós-guerra. Para ser exato, no dia 5 de outubro de 1945, em Porto Alegre. Mas logo a direção nacional foi transferida para São Paulo. Devemos nos lembrar de que os eventos dessa gênese exigiram um pano de fundo daquele ambiente. Da revelação trágica do Holocausto e das grandes esperanças do povo judeu querendo uma pátria, além de outros sonhos e anseios da redenção social, vivíamos em um ambiente efervescente de discussões, de despertar de consciências, de busca de identidade.

⁹⁰ Este texto foi escrito em Bror Chail em agosto de 1999.

Não se trata, aqui, de uma criação *ex nihilo* (tirada do nada). Dessa forma, abre-se um buraco negro. O papel do historiador é contar como foi. Ou seja: ele vai buscar, nas condições históricas, materiais, ideias, concepções, modos de pensar, visões e aspirações, bem como os ideais e os valores, o que aconteceu.

Certa vez, em uma aula do professor Zygmund Bauman⁹¹, na Universidade de Tel Aviv, foi dado um seminário sobre a conexão entre história e sociologia. Ali se colocou a seguinte questão: como sabemos se houve uma transformação social? Bauman apresentou uma tese interessante, que só uma cultura como a sua poderia manifestar. Maquiavel, em *História dos Florentinos*, fala de dois círculos girando no espaço: *Virtu*, que são os valores, ideias, cultura, crenças, ideologias, utopias, e *Fortuna*, querendo exprimir as condições materiais e históricas, a “infraestrutura”. Somente quando se produz um encontro entre *Virtu* e *Fortuna* haverá um processo de mudanças, criações, transformações sociais e históricas. Desde então, sempre que posso, apoio-me nesta magnífica e inusitada metáfora.

Os primeiros passos do movimento juvenil tiveram como inspiração o modelo argentino – o mais antigo. Atuando em uma coletividade maior e mais organizada, com traços culturais judaicos mais profundos e arraigados, o movimento, ao ser transferido, não se aclimatou devidamente ao Brasil. Lembro-me das impressões daqueles que haviam participado de encontros do Dror argentino. Era um movimento forte, numeroso, porém, dedicado à tarefa educativa, com exageros emocionais. Conta-se que certa monitora (*madrichá*) acordou todo o acampamento (*machané*) às 3 horas da manhã para fazer um importante comunicado. Com emoção e choro, ela disse que havia ocorrido um choque armado, com mortos e feridos, entre combatentes judeus e soldados britânicos na então Palestina!

O movimento juvenil Dror no Brasil, tendo como seu núcleo central a cidade de São Paulo, comportou-se na ideologia e na prática como um grupo que buscava na cultura política os seus alicerces mais sólidos. Quero dar um exemplo curioso, à guisa de ilustração. Em julho de 1949, participei, pela primeira vez, de um seminário central, efetuado na *hachshará** em Jundiá, recém-estabelecida. Após quatro dias e três noites viajando de trem (Porto Alegre-São Paulo), fomos convidados a participar de um *oneg-shabat** na sede do movimento. Nada havia de *oneg-shabat*, ou, por outra, como o grupo comemorava o recebimento do sábado? Através de um debate, à moda de agremiações políticas, não faltando a névoa espessa da fumaça dos cigarros... O tema era o socialismo e o trotskismo. A tese trotskista, da revolução permanente, foi defendida por um convidado não pertencente aos quadros do movimento, Maurício Tragtemberg⁹².

⁹¹ Sociólogo polonês expulso da Polônia durante os expurgos antissionistas cometidos pelo governo comunista em 1968. Bauman deu aulas nas Universidades de Tel Aviv e Haifa nos anos 1969-1971. Depois, Bauman se transferiu à Grã-Bretanha e deu aulas em Cambridge.

⁹² Mais informações sobre Maurício Tragtemberg nas memórias de Nachman Falbel e de Avraham Milgram nesta coletânea.

Este exemplo dá uma visão sobre o caráter do movimento. Não concluo que era essencialmente político, afinal de contas, tratava-se de um movimento juvenil. Mas o seu caráter preponderante era político. Seus arquétipos baseavam-se em uma discussão entre socialismo e comunismo, visando a uma definição de marxismo.

O marxismo era entendido através de uma filtragem soviética – pouco se sabia da revisão política que havia se iniciado na República de Weimar, sob os escritos de Karl Korsch ou Antonio Gramsci ou Georg Lukács, para não falar da Escola de Frankfurt. Citávamos Rosa de Luxemburgo, Karl Liebknecht, um pouco de Kautsky, lembrávamos a figura de Jean Jaurès. Falávamos até sobre os escritos do jovem Marx, dos anos 1843-1847, cuja temática principal envolvia o conceito de alienação. Ainda não conhecíamos essa vasta criação do marxismo revisitado, que se produziu naqueles anos entre as duas guerras, e mesmo aquela produzida em nossos tempos.

Nossas fontes eram livros editados no Brasil, na Argentina, no México, geralmente oriundos de traduções das edições do Instituto Marx-Engels-Lênin-Stalin, de Moscou. Ovi, talvez pela primeira vez, já como membro do *kibutz* Bror Chail, em Israel, o conceito “alienação” com referência aos livros de Erich Fromm, citados por algum jovem do movimento nos anos de 1960, que estivera por aqui em um dos cursos da Agência Judaica. Tudo isto visto, lembro do aspecto de “racionalização”, tudo isto refletido *a posteriori*.

O interessante é que se fazia um estudo ávido, procurando entender cada linha e cada palavra daqueles difíceis e complicados escritos. E a maneira de fazer isso era profundamente judaica: com amor e dedicação ao estudo, não pelo interesse instrumental, mas pela abertura de horizontes do conhecimento e entendimento como valor mais alto.

Alberto Dines⁹³ pondera e aconselha: “Se quiser entender o movimento juvenil Dror no Brasil, leia o *Jean-Christophe*, de Romain Rolland!” Era uma espécie de leitura obrigatória para os adolescentes do movimento, lida e comentada com admirável veneração e paixão pelo texto encantado. No frontispício, Rolland (1866-1944, prêmio Nobel de Literatura em 1915) dedica a magna obra “às almas livres de todas as nações que sofrem, que lutam e que hão de vencer”⁹⁴. Em uma introdução, datada de 1931, Romain Rolland participa aos leitores as suas orientações cardinais e compromissos assumidos: numa época de decomposição moral e social da França, seu propósito foi “reavivar o fogo existente sob as cinzas”. Quis agrupar as almas inquietas e desconfortantes em torno de duas premissas. Na primeira, ver e julgar a situação atual. Na segunda, fazer com que fosse acompanhada pela ação. O que cada um de nós deve é ser ousado, no dizer e no agir.

⁹³ Veja suas memórias nesta coletânea.

⁹⁴ Como obra, foi iniciada a sua publicação em fevereiro de 1904, em 17 números da coleção *Cahiers de la Quinzaine*, até outubro de 1912, e após em edição completa de 12 volumes (a edição brasileira completa foi composta de cinco volumes) [Nota de Oscar Zimmermann]. Veja mais comentários sobre Romain Rolland nas memórias de Alberto Dines e nas suas notas de rodapé.

Rolland recorda que já nos primeiros esboços de *Jean-Christophe*, em 1891, assim escrevia: “Mostrai sempre a unidade humana, sob cada uma das múltiplas formas que ela se faça aparecer. Esse deve ser o primeiro objeto da arte, como o da ciência. Esse é o objeto de *Jean-Christophe*”. Com a morte do herói, Rolland observa que este fim não é um epílogo, mas sim o término de uma etapa. “Um dia, renascerei para novos combates”, escreveu o autor. Talvez o mestre Dines tenha razão. O espírito do movimento juvenil é intrínseco à extraordinária metáfora da redenção. Nessa grande narrativa, em que todos os seus componentes e povoadores veneram com a plenitude da identidade o herói combatente da unidade humana, estão todos ligados pelos laços de uma comunidade que não tem lugar: *U-Topos*. Essa comunidade se concretiza não pelas condições do materialismo histórico, mas implica uma dialética intencional entre necessidade e contingência⁹⁵.

Outra temática, de não menor intensidade, era o sionismo, como o movimento de libertação nacional e o protótipo do novo judeu. O *chalutz* (pioneiro) como vanguarda de uma revolução totalizante: histórica, nacional, social, redenção de toda a humanidade, de toda a exploração, injustiça e desigualdade. Essa síntese entre sionismo e socialismo não era nada fácil. As contradições eram tantas, que apelava-se para Ber Borochov*, para a dialética, procurando a revolução proletária em vidas e aspirações pequeno-burguesas. Tanto é que o tema apresentava uma dificuldade da lógica do processo histórico (e da qual tínhamos a chave, sabíamos para onde a história marchava) e assomavam tais e tantas contradições discrepantes, que uma das cismas, ocorridas em 1952, trouxe um abalo na fé ideológica.

A fortaleza programática erguida com o respaldo lógico e científico ao nosso dispor teve o abandono de um de seus líderes proeminentes⁹⁶. Principalmente nesse mesmo setor ideológico da economia política, o desfecho foi esse. O cerne da questão foi que o problema judeu é um produto da sociedade burguesa. A redenção do judaísmo deveria ser, então, encetada pela redenção social. Uma sociedade socialista, sem classes, não abrigaria e nem toleraria qualquer tipo de segregação ou discriminação. Portanto, a função mais certa de qualquer atividade e esforço militante não era o sionismo (que, assim encarado, vinha a ser uma solução capitalista do problema judeu), mas sim a transformação radical da sociedade. Assim pensava Paul Singer.

Dito isto e observado de uma distância de quase meio século e a milhares de milhas, devo concluir que os fundamentos e as raízes judaicas do movimento eram frágeis. As razões necessitam de uma base analítica. Posso abordar uma série de hipóteses, baseadas em um posicionamento e experiências individuais. Escolas judaicas que, nos primeiros tempos, ficavam a desejar. Centros e clubes de cultura judaica que não atingiam a toda a comunidade. Não que não se desenvolvesse neles uma atividade intensa, mas eram rotuladas segundo suas identidades políticas: o Bund* (so-

⁹⁵ Este parágrafo sobre a obra de Romain Rolland e sua projeção na idiossincracia do *chaver* no movimento aparece em Oscar Zimmermann: *Repensando o movimento juvenil*, no Boletim Informativo do AHJB (Arquivo Histórico Judaico Brasileiro), nº 27, ano VII, primeiro quadrimestre 2003, p. 19-20.

⁹⁶ Referência a Paul Singer, veja suas memórias nesta coletânea.

cialistas, antissionistas, idischistas). Sem cair no pecado da generalização simplória, diria que um dos nossos vícios capitais consistia em nossa fraqueza no conhecimento de nossas fontes, de nossa cultura, da língua, da criação literária (este pensamento tem, em parte, similaridades notórias, nas confissões que fez Yaakov Chazan, líder do Hashomer Hatzair*: “a falha de nosso movimento está no desleixo ao cultivo da tradição e da herança judaicas, pois que estávamos por demais absorvidos e preocupados com a revolução social”). Esta é, na minha opinião, uma das mais belas e sinceras expressões da problemática entre sionismo marxista e sionismo borochovista.

Tanto é que essas análises não são passíveis de generalizações, que os companheiros do Rio de Janeiro tinham um lastro judaico muito forte: cultura, língua, tradição *idisch* e hebraica vindas do lar aprendidas sistemática e metodicamente na escola judaica. Quando, em um congresso educativo, debateu-se o movimento para onde orientar seus membros – para escolas técnicas profissionalizantes ou para escolas judaicas –, os companheiros do Rio tiveram um papel importante na resolução segundo a qual as escolas judaicas eram prioritárias ao movimento. Como disse, o setor da educação judaica, dentro destas características, e numa coletividade de imigrantes, tentando reviver o que haviam deixado na Europa, mas incapazes de transmitir esta herança às novas gerações – requer um estudo sério.

Mas, se esta era a fraqueza ideológica do movimento – o da sua cultura judaica, e não que não houvesse nenhum sinal e tentativa de criação judaicas –, havia também uma negação, até ideologicamente, “por ser uma criação da Diáspora”. O lado forte do movimento estava em seu nível cultural elevado. Não me proponho a chamá-lo de “elite”, mas o movimento tinha um reconhecimento pela sua pureza e profundidade por suas análises e descrições de sua produção cultural. Mesmo a linguagem de seus escritos (relatórios para congressos, teses, revistas, até os artigos de murais) eram compromissados com o vernáculo castiço, próprio e original. Em suma, havia uma preocupação na manifestação da riqueza cultural criada pelos membros do movimento juvenil, tanto em seu conteúdo como em sua expressão, quer seja em debates, diálogos, ou a expressão de ideias individuais, de forma escrita ou falada.

Sem cometer o pecado da omissão, recorro nossas leituras e discussões críticas literárias: Romain Rolland, Roger Martin Du Gard, Ignazio Silone, Thomas Mann, Stefan Zweig e tantos outros, além do amor às artes. Os corais e madrigais musicais dirigidos pelos irmãos Karabchewsky, o teatro, e cultivado no movimento, com criações próprias, e do qual Hugo Jardanowski, ator até hoje, em Israel, é uma das suas expressões. Ou David Perlov, iniciando como pintor, aluno de Lasar Segall e agraciado com o Prêmio Israel em cinema documentário. Aqueles que escrevem história: Evyatar Friesel (Sigue), Nachman Falbel (Nunho), Vittorio Corinaldi, como arquiteto e espírito humanista. Henrique (Tzvi) Chazan, como uma extraordinária pessoa de realizações no terreno de relações públicas. Aharon (Arale) Thalenberg, como biblista e conhecedor do pensamento judaico. Mariam Bariach, figura humana extraordinária, que ajudou a quem pôde com o seu toque mágico de combinação do

idealismo e empiricismo. Mester, Fainguelernt, Wajner, Nhuch, Baumvol, Simbalista, Suskind e tantos outros, até expoentes no âmbito de suas profissões liberais – assomado pelo temor e constrangimento de estar cometendo a injustiça de não citar a todos.

Mas, se me é permitida uma opinião pessoal, houve uma liderança que teve uma influência cabal nessa linha, nessa formação: Bernardo Cymeryng (Dov Tsamir). Dotado de uma capacidade de convencimento carismática, dono de uma cultura política excepcional, como conferencista e homem de debates de ideias para o ambiente de sua época, sua figura e liderança estão intrinsecamente ligadas a esse caráter do movimento juvenil Dror, no Brasil. Tanto é que, munido dessas qualidades e com os quadros humanos que arregimentou, pôde levá-los a uma revolução crítica: a exigência e o compromisso vital da autorrealização. Quero me referir ao que ficou conhecido na história do movimento como o “Seminário da Lapa”, ou, mais simplesmente, Lapa*. Trata-se de um evento capital na história do movimento, e essa narrativa ainda será escrita.

Por fim, este é um diálogo pouco encetado entre nós em Bror Chail, Israel, Brasil. Talvez pela grandiosidade daquele momento, impossível, devido às nossas poucas capacidades de ser transmitida. Ou quem sabe por uma renegação do passado, *sub speciae*: “Quem não foi revolucionário aos 20 anos, não viveu; quem o continua sendo aos 40, não amadureceu”. Seja qual for a razão – entre as enunciadas e as desconhecidas – que costumamos polarizar, a tese que queria enunciar é, para mim, algo maior. Um legado vivo e palpitante. Faz parte orgânica de nossa identidade, permitindo uma dimensão de riqueza vivencial e parecendo dizer ufanamente: “Eu estive lá!”